

PERFIL DE PRÁTICA E COMPORTAMENTO SEXUAL DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS

Silvana Andrade Souza¹; Núbia Cristina Rocha Passos²; Joan Paulo Andrade Souza³; Marcos Luiz Bomfim Lima⁴; Oade Oliveira Cunha de Souza⁵

A sexualidade é vista como um conjunto de expressões ou comportamentos do ser humano, de modo a influenciar todo o ciclo de vida e por estar relacionada a fatores biológicos, psicológicos e sociais. Dentre esses, surge a procriação e a autoafirmação social e individual. A epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é um dos mais graves problemas de Saúde Pública da virada do século. Trata-se de uma epidemia rápida e feroz, com fortes repercussões sociais, cujo crescimento progressivo tem extrapolado as fronteiras das ciências biológicas da saúde, tornando-se um problema que envolve todos os setores da sociedade e a dinâmica das relações interpessoais dentro das comunidades atingidas. O comportamento sexual relacionado ao risco de infecção do HIV vem sendo discutido desde o início desta epidemia, com esforços voltados para a prevenção e controle do HIV/AIDS. Este processo passou por estágios sucessivos, partindo da concepção de grupos de risco e evoluindo para o conceito de comportamento de risco, considerando apenas o contexto do comportamento individual. O estudo teve como objetivo descrever o perfil de práticas sexuais de pessoas vivendo com HIV/AIDS cadastradas no serviço de atendimento especializado do município de Santo Antônio de Jesus – BA. Metodologia, estudo exploratório, descritivo com abordagem quanti-qualitativa. Os dados analisados foram obtidos de fonte de domínio público, coletados de fonte secundária, no qual os sujeitos da pesquisa não foram abordados. Os resultados mostraram que das 137 pessoas acompanhadas pelo serviço de atendimento, 80% delas referiam práticas heterossexuais, 12% homossexuais e 8% bissexuais. Diante dos achados, observou-se que a prática heterossexual se constitui a de maior vulnerabilidade, provavelmente pela dificuldade dos parceiros em negociar o uso do preservativo e ter a falsa idéia que a prática heterossexual não se configura um fator de risco. Quanto à prática homossexual, devido ao estigma da epidemia nos anos 80, este grupo passou a adotar práticas seguras, devido à vulnerabilidade social que sofrem estes indivíduos. Em menor número, foi relatada a prática bissexual, mas não menos impor-

¹Enfermeira; Pós-graduanda em Saúde da Família com ênfase em PSF na Faculdade Maria Milza - FAMAM. silcouthenf@hotmail.com

²Enfermeira, Coordenadora do Centro de Testagem e Aconselhamento CTA/SAE em Santo Antônio de Jesus-BA; Supervisora do Estágio Curricular em Saúde Coletiva da FAMAM; Docente da Disciplina Semiologia e Semiotécnica da Faculdade Maria Milza - FAMAM. nubiapassos@gmail.com

³Cirurgião Dentista; Especialista em Saúde da Família; Secretário de Saúde de Santo Antonio de Jesus; joanpaulo@gmail.com

⁴Graduando do Curso de Enfermagem da UFRB; marcoslbi@yahoo.com.br

⁵Enfermeira; coordenadora municipal do programa de prevenção a DST, HIV/Aids e Hepatites Virais do município de Santo Antônio de Jesus. E-mail: oade.ocs@hotmail.com.

tante, pois como a sociedade enxerga a bissexualidade como um ataque aos valores familiares sendo concebida como uma fase temporária estimula alguns indivíduos a mentirem sobre sua sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade; comportamento sexual; HIV/AIDS.